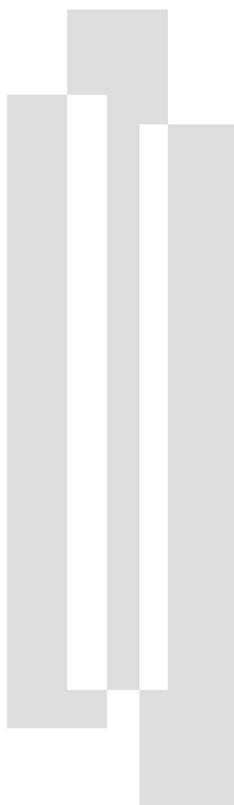


PRAZERES DISSIDENTES

María Elvira Díaz-Benítez
Carlos Eduardo Fígari
orgs.



Coordenação
Maria Alzira Brum Lemos

CONSELHO EDITORIAL
Bertha K. Becker
Candido Mendes
Cristovam Buarque
Ignacy Sachs
Jurandir Freire Costa
Ladislau Dowbor
Pierre Salama

COLEÇÃO sexualidade, gênero e sociedade

Dirigida por Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara

Coordenação Editorial
Jane Russo e Anna Paula Uziel
Produção Editorial
Isabel Miranda

CONSELHO EDITORIAL
Albertina Costa
Daniela Knauth
Leila Linhares Barsted
Maria Filomena Gregori
Mariza Correa
Parry Scott
Peter Fry
Regina Barbosa
Richard Parker
Roger Raupp Rios

COLEÇÃO sexualidade, gênero e sociedade
homos**sexualidade** e **cultura**

PRAZERES DISSIDENTES

María Elvira Díaz-Benítez
Carlos Eduardo Fígari
Orgs.

Garamond
UNIVERSITÁRIA

Copyright © CEPESC

Editora Garamond Ltda.

Caixa Postal: 16.230 Cep: 22222-970
Rio de Janeiro – Brasil
Rua da Estrela, 79 - 3º andar
Rio comprido, RJ Cep: 20251-021
Telefax: (21) 2504-9211

e-mail: editora@garamond.com.br
www.garamond.com.br

Projeto Gráfico de Capa e Miolo
Anna Amendola | nitadesign

Revisão de Originais
Carmem Cacciacarro
María Elvira Díaz-Benítez

Tradução dos Originais em Espanhol
Mauro Brigeiro

Revisão de Textos Originais em Espanhol
Malu Resende

Editoração Eletrônica

Luiz Oliveira | Estúdio Garamond

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P931

Prazeres dissidentes / María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs).. - Rio de Janeiro : Garamond, 2009.
600 p. ; 14x21 cm (Sexualidade, gênero e sociedade)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7617-166-9

1. Sexo. 2. Comportamento sexual. 3. Homossexualismo. I. Díaz-Benítez, María Elvira. II. Figare, Carlos Eduardo. III. Série.

09-4158. CDD: 306.7
CDU: 392.61

Apoio:



FORD FOUNDATION

Agradecemos aos professores Miguel Vale de Almeida e Osmundo de Araújo Pinho por participarem como debatedores do Seminário que deu origem a este livro e pelas valiosas sugestões. A Adriana Piscitelli, pelas contribuições conceituais. A Igor Torres, por batizar este livro de *Prazeres dissidentes*. Ao CLAM, por acreditar em nossa proposta, e especialmente a Anna Paula Uziel, cujo cuidado essencial evitou que o trabalho de edição se tornasse caótico.

María Elvira e Carlos



SUMÁRIO

PREFÁCIO _11_
Adriana Piscitelli

INTRODUÇÃO
SEXUALIDADES QUE IMPORTAM:
ENTRE A PERVERSÃO E A DISSIDÊNCIA _21_
Carlos Fígari e María Elvira Díaz-Benítez

BUTLER, A ABJEÇÃO E SEU ESGOTAMENTO _31_
Vitor Grunvald

CORPOS E INTERAÇÕES DE FRONTEIRA

GOZOS ILEGÍTIMOS:
TESÃO, EROTISMO E CULPA NA RELAÇÃO SEXUAL
ENTRE CLIENTES E TRAVESTIS QUE SE PROSTITUEM _71_
Larissa Pelúcio

NEGOCIANDO DESEJOS E FANTASIAS:
CORPO, GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE
EM HOMENS QUE PRATICAM CROSSDRESSING _93_
Anna Paula Vencato

DIVERSIDADE SEXUAL E TROCAS NO MERCADO ERÓTICO:
GÊNERO, INTERAÇÃO E SUBJETIVIDADE EM UMA BOATE
NA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO _119_
Leandro de Oliveira

PERFORMANCES DE GÊNERO EM UM "CLUBE DE MULHERES" _147_
Marion Arent

RELAÇÕES IMPURAS: SEXUALIDADE, CORPOS E SUJEITOS
NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA _171_
Regina Coeli Machado e Silva

ENCONTROS AO AVESSO

SILÊNCIO, SUOR E SEXO: SUBJETIVIDADES E DIFERENÇAS
EM CLUBES PARA HOMENS _207_
Camilo Albuquerque de Braz

SEXO COM PROSTITUTAS: UMA DISCUSSÃO
SOBRE MODELOS DE MASCULINOS _237_
Elisiane Pasini

DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE
OS TERRITÓRIOS DE "PEGAÇÃO" EM BELO HORIZONTE _263_
Alexandre Eustáquio Teixeira

DESEJOS PROIBIDOS PRÁTICAS DA PROSTITUIÇÃO FEMININA _289_
Sandra Maria Nascimento Sousa

SOCIABILIDADES FLUIDAS

ENTRECRUZANDO DIFERENÇAS: MULHERES
E (HOMO)SEXUALIDADES NA CIDADE DE SÃO PAULO _309_
Regina Facchini

FORA DO ARMÁRIO... DENTRO DA TELA: NOTAS SOBRE AVATARES, (HOMO)SEXUALIDADES E EROTISMO A PARTIR DE UMA COMUNIDADE VIRTUAL _343_
Carolina Parreiras

"TU É RUIM DE TRANSA!" OU COMO ETNOGRAFAR CONTEXTOS DE SEDUÇÃO LÉSBICA EM DUAS BOATES GLBT DO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO _373_
Andrea Lacombe

NA PONTA DO PÉ: QUANDO O *BLACK,* O SAMBA E O GLS SE CRUZAM EM SÃO PAULO _393_
Isadora Lins França

JOGOS PROIBIDOS

NO VENTRE DO PAI. DESEJOS E PRÁTICAS DE INCESTO CONSENTIDO _425_
Carlos Eduardo Fígari

DE "PEDÓFILO" À "*BOYLOVER*": ILUSÃO OU UMA NOVA CATEGORIA SEXUAL QUE SE ANUNCIA? _455_
Alessandro José de Oliveira

BDSM DE A A Z: A DESPATOLOGIZAÇÃO ATRAVÉS DO CONSENTIMENTO NOS "MANUAIS" DA INTERNET _481_
Bruno DallaCort Zilli

A PORNOGRAFIA "BIZARRA" EM TRÊS VARIAÇÕES: A ESCATOLOGIA, O SEXO COM CIGARROS E O "ABUSO FACIAL" _509_
Jorge Leite Jr

POLÍTICAS E PRAZERES DOS FLUIDOS MASCULINOS:
BAREBACKING, ESPORTES DE RISCO E TERRORISMO BIOLÓGICO _537_
Esteban Andrés Garcia

RETRATOS DE UMA ORGIA:
A EFERVESCÊNCIA DO SEXO NO PORNÔ _567_
María Elvira Diáz-Benítez

PREFÁCIO

Adriana Piscitelli[1]

A coletânea *Prazeres dissidentes,* resultado de recentes estudos realizados por jovens pesquisadores latino-americanos, é expressão da efervescência da produção sobre o tema na região, particularmente no Brasil. Combinando criatividade e reflexão crítica, os artigos consideram recortes ainda pouco pesquisados ou contemplados em novas abordagens. Uma multiplicidade de práticas sexuais transgressivas emerge da análise de produções literárias e fílmicas, espaços de lazer e de encontro, segmentos da indústria do sexo, *sites* da web.

O exame das relações que têm lugar nesses espaços contribui para perceber aspectos relevantes nas configurações da sexualidade em diferentes cenários. Um desses aspectos é a íntima vinculação entre convenções de erotismo e mercado de consumo. Outro é a indiscutível importância adquirida pela web na disseminação dessas convenções, amplificando a circulação de informações e as interações relacionadas com diferentes estilos de erotismo e também como instrumento pedagógico: afirmando a normalidade e promovendo a integração social entre pessoas que têm a fantasia de vestir-se com roupas do sexo oposto; ensinando a "ser *gay*", a praticar o BDSM (bondage, disciplina, dominação e submissão) de

[1] Professora do Departamento de Antropologia Social e do Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU/UNICAMP.

maneira "sadia e não criminosa"; a tornar-se um "*boy-lover* correto". Nesses procedimentos, a web aparece como uma mídia central no processo de dotar de legitimidade estilos de sexualidade estigmatizados. Contudo, o aspecto mais relevante é que essas análises apontam para diferentes deslocamentos de limites nas fronteiras da sexualidade e, ao mesmo tempo, para a recriação de hierarquias, desigualdades e exclusões.

Em 2003, o Centro Latino-americano de Pesquisas sobre Sexualidade, recentemente criado, e o PAGU organizaram o Seminário Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras. Nesse encontro se teceram reflexões sobre o estado do campo de estudos e foram esboçadas ideias para superar alguns impasses na produção sobre o tema. Um dos principais pontos levantados referiu-se às fundamentais contribuições do arcabouço teórico de Foucault, mas também a problemas relativos a aspectos teóricos e a efeitos políticos da utilização desse referencial, levantados por autores/as feministas e vinculados ao movimento homossexual.

Um segundo ponto foi a relevância concedida à separação analítica entre gênero e sexualidade, considerada útil para mapear a "estratificação sexual" presente nas sociedades modernas, que estabelece limites entre práticas sexuais "boas" e "más", inferiorizando indivíduos e grupos vinculados às últimas. Contudo, percebíamos que algumas linhas dos estudos "*queer*" ignoravam gênero, enquanto abordagens sobre heterossexualidades consideravam a articulação entre gênero e sexualidade, mas em uma perspectiva na qual o gênero aparecia frequentemente aprisionado em uma distinção binária. A sexualidade tendia a aparecer atravessada por uma fronteira clara entre homens e mulheres, e se estabelecia uma continuidade entre "sexo" e gênero (Piscitelli, Gregori e Carrara, 2004).

Finalmente, um terceiro ponto, levantado por Luis Fernando Dias Duarte (2004), foi a relevância das negociações em curso a respeito da "normalização" de práticas sexuais que foram objeto de intensa rejeição no passado, como o adultério, a masturbação, a pornografia, a prostituição, a sodomia e o homoerotismo. Entretanto, tais negociações articulavam-se simultaneamente à "criminalização" de outras práticas, como a violência sexual ou a pedofilia. Nós perguntávamos então sobre as convenções que compõem essa normalização e a criminalização de

práticas que, embora envolvam questões relativas ao direito da livre expressão da sexualidade, provocam intensas reações.

Os textos reunidos neste livro contribuem para pensar sobre como essas questões foram sendo elaboradas durante os anos transcorridos desde a realização daquele seminário. Os autores que consideramos clássicos no tratamento do erotismo e da sexualidade, Georges Bataille e Michel Foucault, continuam sendo revisitados, em um movimento no qual se esboçam novas leituras críticas. A vinculação entre erotismo e transgressão realizada por Bataille, percebida inclusive, no plano êmico, como violação (Leite Jr, neste volume) está presente nos textos. Contudo, às problematizações relativas à maneira como esse autor pensa a relação entre transgressão, noções de passividade e atividade, feminino e masculino, adiciona-se um relevante questionamento. Trata-se de como Bataille formula a noção do erotismo, situando-o no interior da matriz heterossexual, dificultando pensar o erótico fora da heteronormatividade (Braz, neste volume).

Paralelamente, os capítulos que prestam atenção a "outras" diferenças na constituição das convenções eróticas evocam questionamentos adicionais a esses autores. Refiro-me à maneira como (não) trataram da interseção entre diferenças. Essa problematização foi formulada por feministas vinculadas aos estudos pós-coloniais.

No que se refere a Foucault, nos termos de Ann Stoler (1997), na centralidade concedida pelo autor à sexualidade, tende-se a apagar que, nos discursos coloniais, questões vinculadas à sexualidade são frequentemente metonímicas de relações mais amplas, envolvendo nações, classes sociais, códigos raciais e de gênero. Segundo a autora, os discursos sobre a sexualidade colonizaram e apropriaram-se de complicados conjuntos de relações de poder. Todavia, seria equivocado pensar que essa problematização se circunscreve apenas às realidades das colônias. De acordo com Anne McKlintock (1995), o dispositivo da sexualidade teria sido elaborado em um marco no qual o imperialismo e a invenção da raça foram aspectos fundamentais da modernidade industrial ocidental. Nas metrópoles urbanas, essa invenção se tornou central para a autodefinição das classes médias e para o policiamento das "classes perigosas", definidas a partir da raça, sexualidade, gênero e classe social. Mas, ao

privilegiar a sexualidade como o princípio inventado da unidade social, o autor teria esquecido que, no mesmo contexto, uma elaborada analogia entre raça e gênero se tornava um tropo organizador para outras formas sociais.

Bataille, por sua vez, não concedeu destaque nenhum a "outras" diferenças. Nas formulações desse autor, nas quais as relações envolvidas no erotismo são assimétricas, a diferença é basicamente de gênero. Essa percepção é contestada nos estudos contemporâneos sobre a produção da sexualidade nos "lugares do desejo" que se formam na confluência entre culturas, nas relações estabelecidas no marco do colonialismo europeu e em suas atualizações no mercado global do sexo atual (Jolly e Manderson, 1997).

Nesses estudos, que refletem sobre como o erotismo "Ocidental" está constituído pelos encontros com os "outros" raciais e culturais não europeus, a diferença é vinculada à relação com essas alteridades (Stoler, 1997). As conexões entre erotismo e transgressão são traçadas levando em conta tensões relacionadas com raça e gênero no marco das desigualdades coloniais e na recriação e atualização dessas intersecções em diferentes contextos, considerando as diversas lógicas (de assimilação ou integração racial) que neles primaram (Piscitelli, 2008).

Considerando esse conjunto de leituras, os textos que neste livro levam em conta as interseções entre diferenças apontam para uma instigante diversidade em termos de convenções de erotismo. Conhecidas noções de transgressão vinculadas a gênero e raça aparecem basicamente acionadas no marco da indústria do sexo, na utilização de casais inter-raciais, integrados por mulheres louras e homens negros, na pornografia "hétero" brasileira (Díaz-Benítez, neste volume). Fora desse âmbito, o valor concedido à diferença racial nas convenções do erotismo está presente na análise de alguns espaços frequentados por homens que se relacionam com outros homens. Contudo, esse valor aparece como contingente e situacional (França, neste volume). Esse aspecto, e o fato de a "cor/raça" aparecer como uma distinção pouco relevante em espaços urbanos frequentados por mulheres que se relacionam com mulheres (Facchini, neste volume), sugerem uma série de perguntas. É possível pensar que, nesses cenários voltados para o "homoerotismo", a

"raça" ocupa o lugar de um tensor libidinal oculto (Perlongher, 1987)?[2] Ou seria talvez rentável considerar que ter atravessado as fronteiras da "heterossexualidade" constitui uma transgressão suficiente, a ponto de tornar a distinção "racial" secundária nas conformações das convenções eróticas?

O certo é que no jogo de diferenças acionado nesses encontros sexuais, o gênero, articulado com a classe social e idade/geração, aparece como elemento significativo no estabelecimento de trocas eróticas. Contudo, variantes que exacerbam ou atenuam traços masculinos ou femininos ou os combinam com matizes diferenciados, corporificados por pessoas que se pensam como homens, mulheres, travestis, "*crossdressers*", remetem a noções nas quais o gênero não deriva do "sexo" nem aparece em formas binárias e tampouco se deixa vincular linearmente com noções como hetero ou homossexualidade, passividade ou atividade.

Nesse sentido, é importante destacar que vários capítulos mostram com nitidez que compreender os significados assumidos contextualmente pelo gênero requer pensar essa diferenciação, não independentemente, mas em relação com a sexualidade. Isto é evidente quando as performances de gênero são consideradas como expressão da conduta sexual, como no (aparentemente) desconcertante episódio em que uma travesti se pensa como heterossexual por gostar de transar com homens (L. Oliveira, neste volume). A relação entre sexualidade e gênero aparece, porém, com particular força, quando o gênero constitui o lugar a partir do qual outras diferenciações são inscritas nas falas a respeito da sexualidade. Vale como exemplo, entre mulheres que amam mulheres, as gradações entre "perua" e "sapatão", que remetem a relações de poder permeadas por diferenciações de classe, cor/"raça" e geração (Facchini, neste volume).

Gênero adquire essa centralidade na produção de convenções eróticas e, nesses cenários, essa distinção também é crucial para hierarquizar, inclusive excluir, categorias de pessoas. A valorização da hipermasculinidade em espaços frequentados por homens que se relacionam com homens (Braz, neste volume) associada ao desprezo em relação aos *gays* afeminados, "bichas, miguxos" (Parreiras, neste volume); a valorização

---

2 Agradeço a Maria Filomena Gregori ter chamando minha atenção para este ponto.

do grau de feminilidade que dota um/a *crossdresser* de "passabilidade", permitindo que chegue a "passar por mulher" (Vencato, neste volume), a rejeição às "masculinizadas" em círculos de mulheres que se relacionam com mulheres (Facchini, neste volume) parecem remeter, em uma linguagem de gênero, a uma contínua recriação da inferiorização e ao preconceito no campo da sexualidade. Como se a ruptura com convenções culturalmente disseminadas de aceitabilidade e "normalidade" fosse parte de um processo indissociável da produção de categorias modelares e de novas normatizações.

Esse jogo é perceptível no traçado de novas fronteiras, no âmbito de práticas sexuais em processo de "normalização" e também no daquelas que, criminalizadas ou não, tendem a ser situadas nos espaços inferiores da estratificação sexual (Rubin, 1984). O mecanismo recorrentemente utilizado por adeptos de diversas práticas sexuais estigmatizadas é contestar as definições psiquiátricas/patológicas da sua sexualidade, criando para si um nicho "sadio" produzido através de relações que situam "outros" nas formas tidas como patológicas.

A linguagem da saúde e da vida, da doença e da prevenção é utilizada para delinear contornos que separam os "*barebackers*" dos praticantes do homoerotismo "seguro" (García, neste volume). Praticantes do BDSM tentam afirmar-se como "sadios" utilizando a noção de consentimento e mediante essa noção se distanciam de outros aderentes a essas práticas (Zilli, neste volume) e também de outras categorias de pessoas estigmatizadas, como os pedófilos. Estes últimos, por sua vez, evocando argumentos que os grupos de interesse pedófilos desenvolveram ancorados em pesquisas acadêmicas (Hacking, 1999), traçam fronteiras entre os "*boy-lovers* corretos", que amam crianças, se excitam com elas, mas controlam seus desejos, e os "verdadeiros pedófilos", aqueles que as violentam tendo relacionamentos sexuais com elas (A. Oliveira, neste volume). Fora desse mecanismo, aparecem apenas aqueles cujas práticas sexuais estão sujeitas a um grau de coerção que tem como efeito a ausência de condições de aparição e visibilidade e impedem qualquer possibilidade de formular uma identidade "positiva", como é o caso dos envolvidos no incesto consentido (Fígari, neste volume).

No marco desse contínuo deslocamento de limites, a indústria do

sexo ocupa um lugar singular. O processo de relativa normalização da prostituição parece retirá-la do "lugar de tolerância" a ela concedida no passado (Foucault, 1997), concedendo-lhe visibilidade, assim como à pornografia, na superposição entre o mercado do sexo e do entretenimento. As atividades na indústria do sexo ainda ocupam um lugar ambíguo e, no âmbito literário, a mistura de sexualidade com dinheiro não deixa de remeter a valorizações negativas, à ideia do grotesco (Machado e Silva, neste volume). Contudo a visibilidade obtida por essas atividades, alimentada pelos coletivos de trabalhadoras/es do sexo, vem contribuindo para que sejam consideradas como trabalho (Lim, 2004; McKlintock, 1996) em um setor específico de atividade (Agustin, 2005). Esse processo legitimador tende a removê-las do lugar da infração e do clandestino. Como entender então a persistência do seu apelo erótico?

O conjunto de capítulos que, neste livro, tratam da indústria do sexo oferece sugestivas indicações para se pensar na resposta a essa pergunta, mostrando as convenções eróticas acionadas para atrair consumidores e os aspectos que mobilizam estes últimos. A atração aparece ora vinculada a práticas que objetificam corpos masculinos para o "consumo" feminino, erotizando o deslocamento de posições de gênero, como sucede nos "clubes das mulheres" (Arent, neste volume). A atração erótica também aparece vinculada a práticas sexuais "extremas", seja por seu caráter grupal, encontros orgiásticos (Díaz-Benítez, neste volume) ou por envolver contatos sexuais tidos como particularmente sujos e/ou humilhantes (Leite Jr, neste volume). Pode tratar-se do consumo de sexo comercial com seres que, como as travestis, corporificam o embaralhamento de códigos de gênero e sexualidade (Pelúcio, neste volume). Os textos destinados à prostituição heterossexual na qual os consumidores são homens apontam, porém, para outro tipo de transgressões que é sugestivo.

Nesses casos, os "clientes" aparecem, majoritariamente, como consumidores de práticas sexuais "banais". A eventual "fantasia" que os conduz ao consumo do sexo comercial está longe de materializar-se na forma de práticas sexuais "extremadas", embora elas também existam (Passini, neste volume; Sousa, neste volume). Ao considerar o apelo

erótico envolvido nessas práticas, vale levar em conta os argumentos de Elizabeth Bernstein (2001). A autora situa o sexo comercial no contexto amplo das transformações post-industriais da cultura e da sexualidade, chamando a atenção para a tensão existente entre as percepções do sexo como recriação e o impulso normativo a um retorno à noção do sexo vinculado ao amor romântico.

Bernstein considera que, na reconfiguração da vida erótica, a procura de intimidade sexual é facilitada pela sua localização no mercado. Entretanto, na leitura da autora, que se distancia dos argumentos "compensatórios" formulados por autores como Anthony Giddens ou Julia O'Connell Davidson, não se trata de suprir "necessidades" afetivo–sexuais, que só podem ser plenamente satisfeitas em relações íntimas no espaço privado do lar. A questão é que muitos clientes, para os quais o encontro sexual mediado pelo mercado é moral e emocionalmente preferível aos "casos não profissionais" devido ao efeito esclarecedor/delimitador do pagamento, consideram as formas de atividade sexual não doméstica como as mais satisfatórias. A transgressão está vinculada à recusa à normatividade do sexo, vinculado ao amor romântico e não a práticas sexuais específicas.

Finalmente, este livro traz uma bem-vinda reflexão sobre o significado de estar no campo para quem realiza etnografias em espaços de encontros eróticos, em uma linha de discussão ainda pouco trabalhada no Brasil (Lacombe, neste volume). Pensar sobre a relação entre a corporalidade do antropólogo e a dos/as demais sujeitos/as da pesquisa em espaços nos quais corpo e erotismo adquirem centralidade e nas necessárias negociações realizadas pelo/a pesquisador/a abre caminhos promissores para novas discussões sobre a ética na realização de etnografias sobre sexualidade.

Concluindo, uma última observação. Além de dialogar com a bibliografia "clássica", particularmente sobre sexualidade e erotismo, nos capítulos que compõem este volume se estabelece uma interlocução com a produção internacional que tende a ser vinculada aos "*queer studies*" e com os trabalhos brasileiros sobre sexualidade. Alguns autores, como Peter Fry (1982) e Nestor Perlongher (1987), que, estudando "homossexualidades", se tornaram referências "clássicas" neste campo de estudos.

Quando este último autor morreu, em 1992, acompanhado por apenas um punhado de amigos e colegas, sua etnografia sobre os michês no centro de São Paulo era uma referência basicamente para (as poucas) pessoas que estudavam "homossexualidades" ou prostituição. Hoje, o valor conferido a essa obra é amplamente reconhecido no campo da sexualidade em sentido amplo, e não apenas no Brasil.

A esses trabalhos se somam os de outros autores, mais recentes, como Luis Fernando Dias Duarte (2004); Maria Filomena Gregori (2003); Maria Luiza Heilborn (2004); Sérgio Carrara e Júlio Simões (2007), Richard Milskoci e Simões (2007) e muitos outros, citados em análises centradas em recortes específicos. A recorrência dessas referências aponta nitidamente para a consolidação do campo. Contudo, neste efervescente espaço de diálogo, a interlocução com referenciais teóricos feministas ainda é restrita. Ao mesmo tempo, a atenção concedida a recortes "heterossexuais" (fora do âmbito da indústria do sexo) é comparativamente menor. Esta observação é apenas um convite para novas reflexões, especulando sobre o avanço na produção de conhecimento que pode resultar do confronto com essas linhas teóricas e com recortes empíricos pouco contemplados neste campo cujo crescimento é demonstrado, de maneira brilhante, pelos capítulos deste livro.

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

AGUSTIN, Laura. The Cultural Study of Commercial Sex. *Sexualities*, v. 8(5), p. 618-631, 2005.

BERNSTEIN, Elisabeth. The Meaning of Purchase. Desire, Demand and the Commerce of Sex. *Ethnography,* v. 2 (3), p. 389-420, 2001.

CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos PAGU (28),* Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp, p. 65-101, 2007.

DUARTE, Luis Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio (Orgs.). *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

FOUCAULT, Michel. *Historia de la sexualidad.* La voluntad de saber. Trad. Ulises Guiñazú. México: Siglo XXI, 1977.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no

Brasil. In: *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 87-115.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. In: *Cadernos PAGU (20), Cadernos PAGU (28),* Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp, p. 87-120, 2003.

HACKING, Ian. *The Social Construction of What?* Cambridge: Harvard University Press. 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par*: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LIM, Lin Lean. El sector del sexo: la contribución económica de una industria. In: OSBORNE, Raquel [Ed.] *Trabajador@s del sexo.* Derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI. Barcelona: Bellaterra, 2004.

MANDERSON, Leonore and JOLLY, Margaret. *Sites of Desire, Economies of Pleasure. Sexualities in Asia and the Pacific*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

McKLINTOCK, Anne. *Imperial Leather.* Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest. New York: Routledge, 1995.

_______. Sex Workers and Sex Work. *Social Text,* nº 37. A Special Section Edited by Anne McKlintock Explores the Sex Trade, 1993.

MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação do dossiê: sexualidades disparatadas. *Cadernos PAGU (28),* Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp, p. 9-18, 2007.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê:* a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. Apresentação de *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 9-39.

PISCITELLI, Adriana. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. Texto apresentado no Workshop: *Debates contemporâneos sobre raça, etnicidade, sexualidade e gênero*, USP, março de 2008.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of Politics of Sexuality. In: VANCE, Carol (Org.). *Pleasure and Danger*: Exploring Female Sexuality. Nova York: Routledge, 1984.

STOLER Ann. Educating Desire in Colonial Southeast Asia: Foucault, Freud and Imperial Sexualities. In: MANDERSON, Leonore e JOLLY, Margaret (Ed.). *Sites of Desire, Economies of Pleasure.* Sexualities in Asia and the Pacific. Chicago: The University of Chicago Press, 1997, p 27-48.